



FEMINISMOS NO CONE SUL DEBATENDO O TRABALHO DOMÉSTICO (1970-1989)

Soraia Carolina de Mello¹

O fato do trabalho doméstico ser função designada em diferentes sociedades como exclusivamente ou primordialmente feminina não é novidade pra ninguém. Não são necessários dados estatísticos ou bibliografia de referência no assunto para saber que esse trabalho, que na maioria das vezes não é reconhecido como trabalho, é “coisa de mulher”. E essa relação entre mulheres e trabalho doméstico, ainda que afirmada pelos feminismos e pelos estudos de gênero como culturalmente construída, tem seu principal aporte na idéia da naturalização dessas funções. A família e em especial a maternidade se mostram como as principais legitimadoras de tal relação, que traz em si o peso de séculos de reafirmação de que “ser mulher” é ter cuidado, reclusão, dedicação, paciência; é se voltar para a esfera privada, é ser esposa e ser mãe.

A naturalização do trabalho doméstico como função feminina se insere em um grupo de idéias a respeito de relações sociais e morais que são comumente identificadas como conservadoras ou tradicionais, e que os feminismos, em especial os de Segunda Onda, relacionavam diretamente ao domínio patriarcal². O interessante e o inquietante sobre essa questão é que, nos cerca de 40 anos transcorridos entre as primeiras discussões a respeito do trabalho doméstico feitas pelos feminismos e nossos dias, muitos avanços significativos podem ser observados no que se refere, por exemplo, a direitos das mulheres (no emprego, saúde, educação etc.) e liberdades sexuais, mas a questão do trabalho doméstico apresenta uma relativa estagnação.

Esta comunicação tem como objetivo trazer as discussões e problematizações dos feminismos de Segunda Onda no Cone Sul a respeito do trabalho doméstico feminino. Utilizando como fonte produções impressas desses feminismos, e com base metodológica da historiografia, observam-se os questionamentos a respeito da naturalização das funções domésticas das mulheres, do peso desse trabalho que parece muitas vezes invisível, assim como dos problemas enfrentados no dia a dia das donas de casa, cumpram elas dupla jornada ou não. A questão do tempo das mulheres

¹ Esta comunicação é resultado de dissertação defendida em março de 2010, para obtenção do título de Mestre em História Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o título “Feminismos de Segunda Onda no Cone Sul problematizando o trabalho doméstico (1970-1989)”, orientada pela Prof^a. Dr^a. Cristina Scheibe Wolff e financiada em seu segundo ano pela CAPES.

² A idéia de uma ordem ou sistema patriarcal, que legitimaria e manteria a opressão das mulheres, foi muito corrente no feminismo de Segunda Onda. Apesar de no Brasil esse conceito ter perdido força, ele ainda é encontrado e, em outros países da América Latina parece ser mais corrente. Exemplos em HENAUT, Mirta. *De la rueca a la red. La economía sumergida*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 2001, e em BEDREGAL, Ximena. *Con mi feminismo mirando al Sur*. Disponível em <http://www.creatividadfeminista.org>. Acesso em 15/03/2007.



e do trabalho "que nunca termina", ou seja, das jornadas que parecem não ter fim, está muito presente também nas fontes que, buscando explicitar as funções domésticas femininas como uma construção social, cultural e histórica, apresentam uma base teórica para o que hoje é reconhecido como uma problematização de gênero da questão.

Condições de trabalho - Uma profissão invisível: dona de casa

Há o trabalho fora e o trabalho dentro de casa; há o companheiro, que durante a semana é visto quase sempre rapidamente; há os filhos, com quem a mãe acaba convivendo muito pouco. Uma jornada diária que rodeia 16 horas e um fim-de-semana (sic) para "tirar o atraso do serviço da casa". "O que se consegue fazer de gostoso é por boa vontade, por amor", dizem elas.³

Maria Angeles Duran observa, em 1983, uma série de questões referentes ao dia a dia das donas de casa. Ela comenta como a dona de casa precisa manter um planejamento constante de suas atividades, pois além da longuíssima jornada ativa, a rotina doméstica também exige trabalhos administrativos e mentais⁴. A autora descreve como a dona de casa faz a última transformação dos bens para consumo, transformando principalmente alimentos, mas também roupas e, como é responsável por toda a manutenção da casa, patrimônio, máquinas etc. também estão sob sua responsabilidade. Continua descrevendo o trabalho e suas condições, ao apontar que, se a dona de casa não sofre a alienação de não ver para que serve seu trabalho, como no caso do operário, ela sofre em perceber como ele é efêmero e repetitivo. Além disso, a reprodução longa e demorada da força de trabalho e o cuidado com incapazes e aposentados também recaem sobre ela⁵.

Conforme descrito, e como podemos perceber também em inúmeras fontes, depoimentos e discussões, o trabalho doméstico é um exercício complexo que concilia uma ampla gama de atividades diferentes. Entretanto, ao se analisar as fontes, dois problemas principais surgem a respeito das condições de trabalho das donas de casa, os quais acabam trazendo consigo inúmeras questões intrínsecas: a jornada e a invisibilidade de seu trabalho. Podemos encontrar a discussão desses dois pontos no editorial do boletim *Isis*, número 11-12 de 1982

Historicamente, apesar da divisão sexual do trabalho, uma maioria de mulheres estivermos presentes no trabalho de produção de bens e serviços, mas aí também não somos vistas, também somos "invisíveis". Como é e tem sido "idealmente" um campo masculino, nós chegamos nele como intrusas, não porque precisamos nem por livre opção, mas por isso: os salários mais baixos, os trabalhos mais desqualificados, aqueles que são uma prolongação das tarefas do lar. Compartilhar o trabalho "fora de casa" não significou que o trabalho

³ DIAS, Maria Lucia. Ser mãe: uma mão-de-obra de amor. *O São Paulo*. São Paulo, nº 70, 07 a 13 de maio de 1982. Pg. 05.

⁴ DURAN, Maria Angeles. *A dona de casa*: crítica política da economia doméstica. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Pg. 18-20.

⁵ *Ibidem*. Pg. 20-24.



doméstico seja compartilhado, e às oito horas atuais de trabalho remunerado se somam as da madrugada e da noite do trabalho doméstico. Uma dupla jornada esgotadora.⁶

À primeira vista esse trecho citado pode parecer se referir ao trabalho remunerado das mulheres, o executado na esfera pública. Mas ele apresenta questões essenciais a respeito do trabalho doméstico, que são as citadas invisibilidade e dupla jornada, além de tocar num ponto importante de todas essas problematizações: o trabalho doméstico continua a ser função exclusivamente feminina apesar das mulheres se inserirem no mercado de trabalho. O problema que surge então é o da divisão de tarefas no lar, uma vez que as mulheres ocupam seu tempo com o trabalho tradicionalmente masculino, e mantêm todas as suas obrigações domésticas, também tradicionais, resultando em sobrecarga de trabalho para elas e conflitos familiares. Observamos em bibliografia recente como, em nossos dias, esse problema ainda persiste: “Na medida em que a crescente incursão das mulheres no trabalho remunerado não esteve acompanhada de uma participação equivalente dos homens na reprodução doméstica, multiplicou-se a carga de trabalho que pesa sobre elas.”⁷

Para as mulheres que cumprem dupla jornada, o tempo para se dedicar ao trabalho doméstico é menor, e elas precisam se organizar de forma a realizar o mesmo trabalho em, muitas vezes, um terço, um quarto do tempo que as donas de casa (que são apenas donas de casa) dispõem. Quer dizer, como Danda Prado⁸ já colocara, ao escrever sobre o papel social de esposa, a mulher que queria ter um emprego precisava racionalizar seu tempo para conseguir cumprir a dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa. Isso representava um desgaste muito grande a essas mulheres, e como observado nas fontes, a ajuda de outros membros da família, principalmente homens, era irrisória, quando não inexistente. A esse respeito, temos depoimento de dona de casa uruguaia utilizado por Cristina Torres: “... Meu marido em casa não me ajuda em nada em nada...” Se queixa Elisa. “Ele não faz nem o próprio mate, se estou em casa, não faz um mate. (...) Ele chega do trabalho e se senta, então eu tenho que vir e colocar tudo na mesa.”⁹

Pensando ainda em termos de articulação entre trabalho remunerado e trabalho doméstico gratuito, Dominique Fougeyrollas-Schwebel comenta, baseada em pesquisa francesa dos anos 1985-1986, que a vida em casal influi de forma marcante na disponibilidade para o trabalho remunerado e

⁶ Editorial. *ISIS* – Boletín Internacional. Itália/Suíça, nº 11-12, outubro/dezembro de 1982. Pg. 04. Minha tradução.

⁷ ARIZA, M.; OLIVEIRA, O. de. (coord). *Imágenes de la familia en el cambio de siglo*. Universo familiar y procesos contemporáneos. México: Universidad Nacional Autónoma de México – Unam/ Instituto de Investigaciones Sociales, 2004. Apud ARRIAGADA, Irma. *Estruturas familiares, trabalho e bem-estar na América Latina*. In: ARAÚJO, Clara; PICANÇO, Felícia; SCALON, Celi (orgs). *Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada*. Bauru: Edusc, 2007. Pg. 243.

⁸ PRADO, Danda. *Ser esposa* – a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979. Pg. 145.

⁹ TORRES, Cristina. *El trabajo doméstico y las amas de casa* – el rostro invisible de las mujeres. *Mujer y Trabajo* nº 2. Montevideo: CIEDUR, 1988. Pg. 19. Minha tradução.



nos afazeres domésticos. A pesquisa indica que homens casados executam menos trabalho doméstico que os solteiros, e que homens casados também disponibilizam mais tempo ao emprego. Apesar dos homens contribuírem um pouco mais no trabalho em casa nos dias de folga, é para as mulheres que o final de semana significa, substancialmente, mais serviço em casa, e elas não passam efetivamente nenhum dia de folga sem fazer ao menos um pouco de trabalho doméstico¹⁰. Apesar de ser o caso específico francês, as fontes nos levam a inferir que nos países estudados essas situações também deviam se repetir, principalmente no que se refere aos finais de semana como tempo dedicado ao trabalho doméstico. Dominique Fougeyrollas-Schwebel conclui, sobre a negação do trabalho profissional e da dupla jornada feminina, que “As coisas são feitas como se trabalho assalariado e trabalho doméstico não se referissem às mesmas pessoas.”¹¹

A esse respeito, Cristina Torres constata em 1988 o que já foi repetido aqui, que “Por um lado as mulheres contribuem aos ingressos monetários do núcleo familiar. Por outro, mantêm por razões econômicas, ideológicas, e culturais, sua responsabilidade no trabalho doméstico (...)”¹². Faz essa constatação baseada em pesquisa que mostrou que 56% das mulheres uruguaianas, no final dos anos 1980, cumpriam dupla jornada¹³, associando esse acúmulo de tarefas com as concepções tradicionais de mãe e esposa¹⁴.

No número 37 do Mulherio, de 1988, há a divulgação de estudos suecos sobre a condição das mulheres, que afirmam a continuidade da dupla jornada e a desvalorização das funções tradicionalmente femininas como um problema enfrentado pelos movimentos feministas locais¹⁵. Entretanto, não é apenas a dupla jornada que é acusada como fator de sobretrabalho das mulheres. Mesmo mulheres que se dedicam apenas aos afazeres domésticos, segundo as fontes, são vítimas de longuíssimas jornadas de trabalho.

Na defesa da idéia das mulheres como uma classe específica, discussão presente em teóricas da Segunda Onda Feminista, se argumenta que as mulheres fazem parte de uma classe muito mais oprimida do que a classe trabalhadora, por não possuírem sindicato ou qualquer organização trabalhista, e principalmente por não receberem um salário, por sua carga horária de trabalho ilimitada, e pela ausência de dias de descanso¹⁶. O Persona, em seu primeiro número, de 1974, traz

¹⁰ FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. As relações sociais de sexo: novas pesquisas ou renovação da pesquisa? Revista Estudos Feministas. Ano 2, 2º sem., 1994. Número especial. Pg. 336-346.

¹¹ Idem.

¹² TORRES, C. El trabajo doméstico... Op. Cit., 1988. Pg. 22.

¹³ Ibidem. Pg. 07.

¹⁴ Ibidem. Pg. 11.

¹⁵ Mulherio. São Paulo, Ano 8, nº 37, fevereiro de 1988. Pg. 14.

¹⁶ Persona. Buenos Aires, ano 2, nº 5, 1975. Pg. 28-31.



uma matéria de 3 páginas: “*La Profesión: Ama de Casa*”¹⁷. Nela, começa-se discutindo o “emprego” de dona de casa, que possui carga horária muito maior que qualquer outro emprego, que apesar de ter cinco milhões de trabalhadoras na Argentina (e só há mulheres nesse emprego) não há nenhum sindicato ou organização trabalhista, e que além disso é um trabalho que não ajuda a desenvolver o intelecto. Há aí uma certa desvalorização do trabalho doméstico que não se encontra em outras fontes, que tentam mostrar que é um trabalho que não é “nato”, que é especializado e necessita de aprendizado, com o intuito de valorizá-lo. Os discursos encontrados no Nós Mulheres, por exemplo, vão muito mais nesse sentido, de dar visibilidade ao trabalho doméstico não simplesmente porque é um trabalho ruim e são as mulheres que o fazem, mas porque é um trabalho importante e necessário para a sociedade, e que precisa ganhar mais atenção e ser reconhecido como trabalho.

Os periódicos feministas nos trazem discussões a respeito do trabalho doméstico como um trabalho “infinito”, que nunca acaba. O terceiro número do Persona, de 1974, possui uma matéria que ocupa três páginas, intitulada “...*Vacaciones?*”¹⁸, a qual apresenta em sua primeira página a foto de uma mãe cuidando de um filho pequeno na praia. O texto faz uma diferenciação entre “sair de férias” e “ficar de férias”, e conta a história fictícia de quatro mulheres com condições financeiras familiares muito diferentes. As férias delas são muito distintas, mas nenhuma delas pôde de fato descansar, sempre tendo que cumprir com obrigações familiares, fossem estas cuidar dos filhos e da comida, ou então estar sempre bem arrumada e disposta para receber as visitas da família. A matéria “A rainha do lar não tem cetro nem coroa...”, do Nós Mulheres, traz como primeiro tópico o título “Um trabalho que nunca acaba”, o qual discute as condições de trabalho da dona de casa e seu “serviço interminável”¹⁹.

Cristina Torres observa em 1988 que aquilo que não é rotineiro e pesado não é considerado trabalho²⁰. Assim, atividades como tricotar, reparos de costura, fazer um bolo no final de semana, ajudar as crianças com as tarefas da escola, levar os filhos à praia, entre outras, são vistas como pertencentes à esfera de lazer das mulheres e dessa maneira invisibilizam sua extensa jornada de trabalho. Cristina Bruschini, no final dos anos 1990, observa que “(...) o trabalho doméstico ‘recorta por sobre a vida’, invadindo todos os outros espaços temporais, sobretudo o do lazer e do descanso” e que “(...) as tarefas domésticas, também nas camadas médias, se caracterizam pela

¹⁷ Persona. Buenos Aires, ano 1, nº 1, outubro de 1974. Pg. 25-27.

¹⁸ Persona. Buenos Aires, ano 1, nº 3, dezembro de 1974. Pg. 24-26.

¹⁹ Nós Mulheres. São Paulo, nº 2, setembro/outubro de 1976. Pg. 08.

²⁰ TORRES, C. El trabajo doméstico... Op. Cit., 1988. Pg. 20.



simultaneidade, multiplicidade e fragmentação e por consumir grande parte do tempo feminino.”²¹ Por fim ela constata que tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, as atividades remuneradas ocupam 34% do tempo das mulheres, enquanto o trabalho não pago, 66%²²! Entretanto, todo esse tempo dedicado ao trabalho é de inúmeras maneiras invisibilizado. E o intuito dos feminismos estudados era exatamente o contrário²³.

No vigésimo primeiro número do Mulherio, de 1985, podemos ver presente essa preocupação em dar visibilidade e valorizar o trabalho da dona de casa: “‘Você trabalha?’ Enquanto escolhe o feijão, vigiando o leite das mamadeiras e de olho no tempo para recolher a roupa estendida no varal, a conscienciosa dona de casa responde que não, não trabalha. Inadvertidamente, pode acrescentar: ‘Não dá tempo...’”²⁴ Maria Otilia Bochini, em resumo do capítulo sobre mulher e trabalho feito por Cristina Bruschini e Felícia Madeira para o livro “Mulher, sociedade e Estado no Brasil”, intitulado “O trabalho dignifica o homem. E a mulher, quem dignifica?”, cita

Maria não trabalha. Ela só cuida da casa e das crianças. Ou seja, varre, encera, arruma as camas, vai à feira, faz todas as compras, prepara a comida, serve a comida, lava a louça do café da manhã, do almoço e do jantar, lava e passa a roupa, alimenta, lava, cuida e educa as crianças. Depois de tanto trabalho, Maria está cansada. Mas, como ela se ocupa do trabalho doméstico, todo mundo diz que ela não trabalha.²⁵

Ou seja, ao não se admitir todas essas tarefas que devem ser obrigatoriamente desempenhadas pelas donas de casa como trabalho, em sociedades que valorizam muito o trabalho, abre-se espaço para a desvalorização dessas mulheres e para idéias como a que acredita que a dona de casa não faz nada. Cristina Torres em 1988 apresenta um exemplo dessa idéia no depoimento de Laura:

...sem trabalhar durante uma semana, em alguns dias, limpa tudo e depois tem todo o resto da tarde, eu não entendo essas mulheres... é sacrificado trabalhar, mas não entendo essas mulheres que ficam sentadas tomando mate doce em casa e se queixam que não chegamos nelas...²⁶

Encontramos inúmeros artigos e reportagens, nas fontes consultadas, comentando a invisibilidade do trabalho doméstico feminino, esta se mostrando como uma questão correntemente citada quando o assunto era a crítica ao trabalho doméstico. Há também notícias sobre essa questão que não são referentes aos países do Cone Sul, mas que circularam em boletins feministas internacionais pela América Latina (incluindo, logicamente, o Cone Sul), como o Isis e o Mujer Ilet.

²¹ BRUSCHINI, Cristina. Fazendo as perguntas certas: Como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade? In: ABRAMO, Laís; ABREU, Alice R. De Paiva (orgs.). Gênero e trabalho na sociologia latino-americana. São Paulo, Rio de Janeiro: ALAST, 1998. Pg. 292.

²² *Ibidem*. Pg. 293.

²³ Comentário a esse respeito pode ser encontrado em HENAUT, M. De la rueca... Op. Cit., 2001. Pg. 44. Minha tradução. Grifos da autora.

²⁴ Mulherio. São Paulo, Ano 5, nº 21, abril/maio/junho de 1985. Pg. 20.

²⁵ ISIS – Boletim Internacional. Itália/Suíça, nº 11-12, outubro/dezembro de 1982. Pg. 10 e Mulherio. São Paulo, Ano 2, nº 7, maio/junho de 1982. Pg. 04.

²⁶ TORRES, C. El trabajo doméstico... Op. Cit., 1988. Pg. 20. Minha tradução.



Entre elas temos, ambas de 1982, “*El invisible trabajo hogareño*”²⁷, de Helena Salcedo, da Venezuela, e “*La incomprendida profesión de la mujer ‘ama de casa’*”²⁸, de Maria Guerra Tejada, do México, e que traz a interessante chamada “Do que está cansada se passou o dia todo em casa?”.

Cristina Torres aponta três pontos centrais que justificam e mantêm a invisibilidade do trabalho doméstico feminino: o modo como se dá o processo de capacitação desse trabalho, a falta de fronteiras entre o trabalho e o uso do tempo livre e de afetividade, e por último, a internalização da moral dominante.²⁹ O trabalho doméstico nas relações das famílias, segundo comenta Dominique Fougeyrollas-Schwebel em 1994, se apresenta através de uma hierarquia baseada na assimetria: “(...) se os homens estão, em sua maioria, dispensados do exercício do trabalho doméstico, as mulheres em compensação participam do trabalho profissional; o exercício de uma atividade profissional, para as mulheres, [por questões ideológicas,] não põe em causa de modo fundamental sua disponibilidade permanente a serviço da família.”³⁰

Danda Prado³¹, escrevendo na década de 1970, pode ser citada como referência no esforço em dar visibilidade e reconhecimento ao trabalho doméstico. Ela explica que existe de fato uma aprendizagem dos afazeres domésticos, e que a realização das tarefas domésticas exige conhecimentos específicos. Quer dizer, ela busca a valorização do trabalho doméstico explicitando a complexidade do mesmo. Fala que o esforço que as mulheres despendem nesse trabalho é socialmente minimizado, ao ponto de tornar-se quase invisível. Mostra-se indignada perante tamanha desvalorização de um trabalho tão importante para toda a sociedade e, tentando explicitar como ele é realmente um trabalho oneroso, cita as conseqüências físicas sofridas por inúmeras mulheres devido ao trabalho em casa, assim como suicídios de esposas desgastadas pela estafa.

No artigo “Tarefa caseira: sinônimo de inatividade?”, do Mulherio número 21, de 1985, afirma-se

(...) foi somente a partir de alguns estudos sobre a mulher, produzidos no contexto do movimento feminista europeu e norte-americano da primeira metade da década de 70, que a questão do trabalho doméstico foi efetivamente colocada como problema teórico.

A maior parte desses trabalhos preocupava-se com a função desse trabalho para a produção social. Deles, e do debate que se seguiu, resultou o consenso sobre a importância do trabalho doméstico para a reprodução social, fato que até então, se não era negado, era ao menos omitido. Ficou também sua definição como trabalho, realizado gratuitamente no espaço privado das famílias, para os outros.³²

²⁷ Especial – Mujer Ilet. Santiago do Chile, nº 5, 1982. Pg. 16.

²⁸ Ibidem. Pg. 17.

²⁹ TORRES, C. El trabajo doméstico... Op. Cit., 1988. Pg. 19.

³⁰ FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. As relações sociais... Op. Cit., 1994. Pg. 340.

³¹ PRADO, D. Ser esposa... Op. Cit., 1979. Pg. 115-120. Esse livro é inclusive comentado no Brasil Mulher, no nº 16 de 1979, na última página.

³² Mulherio. São Paulo, Ano 5, nº 21, abril/maio/junho de 1985. Pg. 20.



O artigo ainda fala da utilização da metodologia orçamento-tempo nas pesquisas estatísticas, discussão presente em nossos dias por ser essa uma metodologia considerada adequada para medir o trabalho doméstico, e que encontra resistência na estatística tradicional. Continua constatando que, se as trabalhadoras domésticas fossem consideradas ativas ao invés de inativas, no censo brasileiro de 1976, por exemplo, a porcentagem de mulheres ativas pularia de 28% para 75,5%! Isso apenas considerando o termo inatividade, porque novos recursos de pesquisa precisariam surgir para mensurar o trabalho doméstico das mulheres que também trabalham no mercado formal, uma vez que as estatísticas costumam separar as “trabalhadoras” das “donas de casa”. Esse ponto também é tocado por Maria Angeles Duran³³ e Cristina Torres, que defende que separar as mulheres entre ativas e não ativas acaba considerando apenas as não ativas como donas de casa, sendo que na maioria das vezes as ativas cumprem dupla jornada.³⁴

A partir disso é importante citar as inúmeras críticas, presentes na produção impressa dos feminismos de Segunda Onda no Cone Sul, referente aos censos e estatísticas.

No mundo das estatísticas, trabalho doméstico não remunerado é confundido com inatividade – dessa forma, as cifras apresentadas pelos Censos Demográficos e Pesquisas Educacionais por Amostras de Domicílios (PNADs) indicam que, em 1980, apenas 26.9% das mulheres brasileiras de mais de 10 anos trabalhavam, eram economicamente ativas.

Quando alguns economistas americanos resolveram calcular em dinheiro o valor do trabalho doméstico realizado “de graça” pelas mulheres, o resultado foi surpreendente: o trabalho doméstico constituía, nos Estados Unidos, mais de 25% do Produto Nacional Bruto.³⁵

Neuma Aguiar³⁶, em meados dos anos 80, analisando o trabalho das mulheres na América Latina, comenta a invisibilidade do trabalho doméstico sendo reproduzida pelos censos. Ela enfatiza categoricamente os censos, pois através deles são feitas pesquisas e teorias, baseando-se em estatísticas que ignoram uma grande parcela do trabalho feminino (preocupação essa que perdura em nossos dias³⁷). Vários fatores são indicados por Neuma Aguiar para demonstrar de que maneira o trabalho feminino é considerado inatividade pelos censos. Por exemplo, na hora da entrevista, quando se chama o dono da casa para coletar as informações, ao invés do dono e da dona, geralmente o trabalho da mulher fica sub-representado. Ou, ao não se ter uma listagem, no questionário, de tipos de trabalho nos quais o trabalho doméstico ou emprego doméstico informal

³³ Maria Angeles Duran admite que mulheres que cumprem dupla jornada são também donas de casa, e nas estatísticas as contabiliza como tal. DURAN, M. *Domesticidade...* Op. Cit., 1983. Pg. 53-57.

³⁴ TORRES, C. *El trabajo doméstico...* Op. Cit., 1988. Pg. 10.

³⁵ *Mulherio*. São Paulo, Ano 2, nº 7, maio/junho de 1982. Pg. 04

³⁶ AGUIAR, Neuma. Um guia exploratório para a compreensão do trabalho feminino e Casa e modo de produção. In: AGUIAR, Neuma (org). *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984. Pg. 13-28; Pg. 247-273.

³⁷ Exemplo em CARRASCO, Cristina. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. *Trabalho doméstico e de cuidados*. Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF, 2008. Pg. 99.



encontrem representações. Ou ainda, ao considerar produtivo apenas o trabalho que se transforma em uma remuneração monetária. Nesses casos, grande parte das mulheres são consideradas pelos censos como estando em condição inativa, mesmo que trabalhem o dia inteiro em diversas ocupações diferentes.

Cristina Bruschini aponta o livro A mulher na força de trabalho na América Latina, organizado por Neuma Aguiar, como importante investida das teóricas feministas na tentativa de se reformular conceitos e analisar as metodologias predominantes de levantamento de dados, a fim de favorecer a visibilização da participação social das mulheres³⁸. A autora vai comentando os problemas na elaboração das metodologias e na coleta dos dados, apontando que “(...) uma das maiores dificuldades ainda parece ser a persistência de preconceitos em relação aos papéis sociais das mulheres, que provoca vieses na coleta e no processamento dos dados”³⁹. Entretanto, nesse texto especificamente, a autora apresenta maior preocupação com a sub-representação do trabalho a domicílio das mulheres, quer dizer, aquele que pode ser considerado produtivo, do que com a idéia do trabalho de reprodução ser computado pelos censos como inatividade.

Nas críticas às metodologias de coletas de dados dos censos, também é corrente a questão das mulheres no campo, que por trabalharem na horta ou em produções para consumo familiar, longe da produção entendida como produtiva (que é vendida no mercado), muitas vezes caem na inatividade estatística, por mais pesado que seja seu trabalho e por mais longas que sejam as jornadas⁴⁰. De qualquer forma, é importante ressaltar que o ponto central das críticas aos censos está no caráter ideológico, reprodutor da tradicional dupla moral sexual, presente na elaboração das metodologias, das questões em si, e nos próprios agentes que realizam as entrevistas, sempre voltadas à valorização e visibilização do trabalho gratuito e imprescindível desempenhado pelas mulheres em seus lares.

Bibliografia

AGUIAR, Neuma. Um guia exploratório para a compreensão do trabalho feminino e Casa e modo de produção. In: AGUIAR, Neuma (org). *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984.

ARRIAGADA, Irma. Estruturas familiares, trabalho e bem-estar na América Latina. In: ARAÚJO, Clara; PIKANÇO, Felícia; SCALON, Celi (orgs). *Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada*. Bauru: Edusc, 2007.

³⁸ BRUSCHINI, C. Fazendo as perguntas... Op. Cit., 1998. Pg. 279.

³⁹ Ibidem. Pg. 285.

⁴⁰ Essa discussão é encontrada repetidas vezes no Mulherio. Exemplos em Mulherio. São Paulo, Ano 6, nº 25, março/agosto de 1986, Pg. 10; e Mulherio. São Paulo, Ano 7, nº 32, setembro de 1987. Pg. 06.



BEDREGAL, Ximena. *Con mi feminismo mirando al Sur*. Disponível em <http://www.creatividadfeminista.org>. Acesso em 15/03/2007.

BRUSCHINI, Cristina. Fazendo as perguntas certas: Como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade? In: ABRAMO, Laís; ABREU, Alice R. De Paiva (orgs.). *Gênero e trabalho na sociologia latino-americana*. São Paulo, Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

CARRASCO, Cristina. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. *Trabalho doméstico e de cuidados*. Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF, 2008.

DURAN, Maria Angeles. *A dona de casa: crítica política da economia doméstica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. As relações sociais de sexo: novas pesquisas ou renovação da pesquisa? *Revista Estudos Feministas*. Ano 2, 2º sem., 1994.

HENAUT, Mirta. *De la rueca a la red*. La economia sumergida. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 2001.

PRADO, Danda. *Ser esposa – a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

TORRES, Cristina. *El trabajo doméstico y las amas de casa – el rostro invisible de las mujeres*. *Mujer y Trabajo* nº 2. Montevideo: CIEDUR, 1988.